

RELIGIÃO E POLÍTICA: UMA BREVE ANÁLISE DA CRÍTICA FILOSÓFICA E POLÍTICA DE KARL MARX SOBRE O FENÔMENO RELIGIOSO

SOUSA, Aline Gonçalves de*
SOARES, Eleordano Bruno de Medeiros**

Resumo: Neste artigo apresenta-se uma breve análise acerca do pensamento religioso na perspectiva do teórico clássico Karl Marx, demonstrando as características do processo religioso sob a perspectiva de suas teorias e conceitos. O pensamento do sociólogo alemão Karl Marx está em grande medida entrelaçado aos conceitos de alienação, de dominação e de conflito. Utilizando estes mesmos conceitos, Marx descreve uma crítica filosófica e política da religião, que analisará os aspectos de uma sociedade que produzirá o fenômeno religioso em virtude de seus interesses, seja da classe dominante em legitimar a dominação ou ainda da classe dominada em refugiar-se das opressões sofridas e buscar consolo na religião.

Palavras-chave: Religião, Karl Marx, Sociologia da Religião

Questões preliminares

Para Karl Marx religião é alienação. É uma forma de iludir a mente do homem, mostrando-lhe as venturas celestes para encobrir a miséria e a opressão, que é a realidade humana. O conceito de religião em Marx é a alienação. Esta alienação deve ser esclarecida “a partir da situação histórico-social concreta. Para Marx, a alienação não é o fundamento da religião, mas o resultado. Esta alienação está na condição social e econômica das classes menos favorecidas que são exploradas pelas classes dominantes, ricas. Marx acredita que se essas barreiras de classes sociais e econômicas forem destruídas, automaticamente a religião também o será. Pois para ele a religião é

* Graduanda do Curso de Ciências Sociais (CDSA/UFCG). E-mail: alinegsousa@outlook.com.br.

**Graduando do Curso de Ciências Sociais (CDSA/UFCG). E-mail: eleordano@gmail.com.

subproduto de classe. Para Marx são as estruturas econômicas que geram a falsa consciência, que é a religião.

Os conceitos aplicados são dos teóricos clássicos, trata-se do pensamento de Marx, Engels, entre outros, que contribuem para o melhor entendimento destes objetos observados. Com objetivo de identificar os fenômenos abordados a partir da perspectiva desses autores.

Pertinências e limites da análise marxista da religião – Crítica filosófica e política da religião e análise sociológica.

Iniciando a discussão, pensa-se sobre o sociólogo, filósofo e jornalista alemão, Karl Marx, que nasceu em Treviri no ano de 1818. Sua família de origem essencialmente judaica, tanto do lado paterno quanto materno, passará a indiferença religiosa devido ao espírito liberal das Luzes. Seu pai, Hirschel Marx, fora obrigado a batizar-se na igreja protestante com a finalidade de proteger sua profissão de advogado, batizando inclusive seu filho Marx. Estudou filosofia e direito, concluindo mais tarde seu doutorado em filosofia. Tornou-se jornalista e redator-chefe da *Rheinische Zeitung (Gazeta renana)*, tendo que se refugiar em consequência de sua proibição, após isso passou pela França, Bruxelas, retorna à França a pedido do governo provisório da Revolução de 1848. Escreve o *Manifesto comunista* a convite da Liga dos comunistas. Retorna à Alemanha sendo expulso novamente e refugia-se em Londres onde publicou *I do Capital*, funda a Associação internacional dos trabalhadores e morre em 1883. Durante a fase de seus escritos, teve apoio financeiro de seu amigo e colaborador Engels, somente assim pode sobreviver visto que não possuía formas estáveis de renda. O teórico alemão Friedrich Engels nasceu em 1820 na Renânia, desde a infância teve influência do pietismo¹ protestante o que lhe facilitou que tivesse uma profunda fé religiosa, abandonando a

¹ Movimento de renovação da fé cristã que surgiu na Igreja luterana alemã em fins do século XVII.

mesma depois de se ver dividido entre suas convicções racionais e a religião.

Entre as teorias elaboradas por Karl Marx e Friedrich Engels, podemos encontrar uma crítica filosófica e política acerca da religião, que assim como em demais escritos correlaciona-se aos conceitos de alienação que traz a questão da visão distorcida da realidade que afeta o mundo social, o conceito de dominação que analisa as relações de poder na sociedade, principalmente, das relações de classes e o conceito de conflito que trata a respeito da contradição presente nas classes sociais. A religião, portanto, está fortemente, na perspectiva marxista, atrelada aos conceitos da “alienação que obscurece a percepção do mundo social, a religião como legitimação da dominação, a religião atravessada pelos conflitos de classes” (HERVIEU-LÉGER, 2009, p.17).

Em parte, a crítica filosófica e política da religião de Marx foi herdada da filosofia das Luzes e da teoria de Ludwig Feuerbach, que expressa em *A essência do cristianismo*, uma análise da religião partindo do conceito de alienação, apontando a mesma como uma projeção ilusória a partir de seu próprio ser em um ser divino. Além de uma forma na qual a classe dominante utiliza para legitimar seu poder e afastar a possibilidade de ira dos dominados. A análise da religião é, *essencial e secundária*. Como descreve Daniele Hervieu-Léger e Jean-Paul Willaime na obra *Sociologia e religião: abordagens clássicas*, “essencial, porque é o ponto de partida de uma análise crítica da condição humana e da sociedade; e secundária, porque a crítica, depois de ter sido em grande parte realizada, é preciso passar para a análise dessa sociedade que produz a alienação religiosa” (HERVIEU-LÉGER, WILLAIME, 2012, p.21). Pois, de acordo com a perspectiva marxista é o homem que, pertencente a uma sociedade guiada pelo Estado, cria a religião. Como uma forma de consolação, justificação universal, uma tese geral do mundo, que compõe uma das necessidades primitivas do homem. Marx postulou a religião como o *ópio* do povo, trata-se de considerar como uma libertação da consciência burguesa. Pois ao

afirmar que é o homem que faz a religião, este homem cria as representações divinas, as maneiras e formas de vidas reunidas em torno do mundo religioso. Este fenômeno, por sua vez, deverá ser estudado quanto a sua origem, evoluções e efeitos.

Do ponto de vista político, Marx analisa uma sociedade numa época em que existia uma forte ligação entre a dimensão política e dimensão religiosa, o que faz Marx e Engels criticarem o socialismo utópico com inspiração religiosa. Através disso, Marx escreve um texto polêmico acerca da crítica dos “princípios sociais do cristianismo”. Segundo ele, estes princípios fundamentaram a escravidão, enaltecem a servidão medieval, defendem a opressão do proletariado, apoiado na ideia de uma suposta necessidade de uma classe dominante e superior a outra. Os mesmos princípios sociais do cristianismo enfatizam que há uma compensação no céu que justifique os percalços ocorridos sobre a terra ou ainda que estas serão uma espécie de castigo em razão do pecado, até mesmo provações do Senhor. Incentivam que as suas esperanças devem ser colocadas para além dessa terra e justificam inclusive a miséria, por hora legitimando a dominação e por hora a revolta ou ainda as duas coisas ao mesmo tempo. Marx ressalta, portanto, que os princípios sociais do cristianismo são *hipócritas* e não são cabíveis ao proletariado pois este é de princípios revolucionários, porém que a religião foi e sempre será uma espécie de meio para a emancipação e libertação.

Dentro da crítica marxista acerca religião encontramos elementos de uma análise sociológica do fenômeno religioso que se desdobram em três partes sendo elas: uma contribuição para uma sociologia das ideologias, análise macrosociológica e contribuição para uma sociologia de classes sociais.

A análise da religião como contribuição para uma sociologia das ideologias – A análise da religião no quadro de uma problemática de classes sociais.

Para desenvolver a explicação acerca do pensamento religioso de Karl Marx e Friedrich Engels deve-se retornar a noções complexas da obra de Marx e Engels, como a Ideologia. Retomando para suas teorias, percebe-se que os fenômenos ideológicos aparecem como sistemas de representações a serviço do poder. Assim, de um ponto de vista político a ideologia se define por sua função de legitimação do poder e aparece como um conjunto de representações ligadas a dominação.

Para Marx a ideologia pode ser pensada em dois pontos de vista: De um ponto de vista filosófico a ideologia se percebe como um sistema de representações que traduzem a realidade de modo deformado, constituindo uma representação fantasiosa da realidade e de um ponto de vista histórico a ideologia aparece como um sistema de representações que incita a ação, definida por uma função de prática de mobilização das energias da sociedade.

O marxismo, por exemplo, foi uma ideologia de dominação quando se tornou a concepção oficial de alguns Estados, foi uma ideologia que introduziu a ignorância, tanto como ideologia de dominação quanto como ideologia de protesto e, por fim, um fermento ideológico mobilizando as massas em nome de um futuro melhor.

Com base nessas definições, pode-se começar a pensar a religião do ponto vista marxista. Marx tem uma visão monovalente da religião, incriminando vigorosamente a noção de estado cristão. Ele diz que no estado germano-cristão, o poder da religião é a religião do poder. Ou seja, exerce vigorosamente uma dominação sobre os indivíduos que deste fazem parte. (MARX, 1960, p. 425) diz que, “a miséria religiosa é, de certo modo, a expressão da miséria real e, de outro modo, o protesto contra a miséria real”. Entende-se a partir disto que para Marx a religião corresponde a uma tentativa de libertação da opressão sofrida pelos indivíduos, a uma fuga da condição de espírito.

A partir de um ponto de vista econômico, observa-se assim uma história específica das religiões, como se suas evoluções e transformações só pudessem ser determinadas pelas mudanças técnico-econômicas. A estrutura da atividade econômica é o lugar que Marx considera como a matriz das relações sociais. Logo, para Marx toda relação social particular, como a religião, está situada no quadro global de uma análise que dá primazia ao fator econômico e a posição dos indivíduos nas relações de produção. Ele diz que as relações sociais são fundamentais para a compreensão dessas dinâmicas, como os processos de alienação social e do objeto que se reproduzem também na religião. Segundo Marx, “quanto mais o homem põe em Deus, menos ele conserva em si mesmo” (MARX, ENGELS, 1974, p. 298).

Assim, sistemas políticos e os mundos simbólicos são mais determinados que determinantes. Se em outras épocas a religião ou a política puderam parecer desempenhar um papel determinante, isso se explica pelas condições econômicas da época, por exemplo: a idade média e a antiguidade. Deste modo, é preciso analisar o modo como, em uma determinada sociedade, em uma determinada época, se articulam os dados demográficos, políticos, culturais e religiosos. Observando que há sempre determinações econômicas em toda a atividade social. Entretanto, descobrir algumas afinidades entre expressões religiosas e interesses econômicos e políticos é uma coisa e reduzir a religião a uma máscara que exprime, de forma escondida, esses interesses, é outra.

Marx continua falando ainda que a religião com seu caráter ideológico representa uma contribuição para a manutenção da sociedade capitalista, correspondendo aos interesses de uma classe dominante, agindo como uma ferramenta de ilusão e de impedimento às ações anticapitalistas e antiburguesas. A classe dominante acredita sinceramente que ela representa os interesses da sociedade inteira, e que suas ideias, jurídicas, filosóficas, morais, etc. são expressões de uma verdade absoluta.

Essa atenção à divisão da sociedade em classes levou Engels a pensar nas diferenciações sociais das expressões, e muito particularmente do cristianismo. Ele distinguiu um campo católico ou reacionário, um campo luterano burguês formador e um campo revolucionário. Representado por Thomas Munzer. A partir disto, determinou que as lutas religiosas se travestem a uma luta de classes. Mesmo nas guerras religiosas do século XVI, tratava-se de interesses de classes, assim como os conflitos acontecidas mais tarde na Inglaterra e na França. Ou seja, as reivindicações das diferentes classes se dissimulavam sob máscara da religião. Engels salienta, o fato de que os antagonismos sociais atravessam os mundos religiosos, e que as próprias expressões das religiões se diferenciam conforme os meios sociais.

A religião, portanto, representa uma forma de saber particular, embora privada de liberdade e de racionalidade. Que as próprias referências as divindades são uma construção social da realidade dos indivíduos. “Este estado, esta sociedade, produzem a religião, uma consciência invertida do mundo, justamente porque eles são um mundo invertido” (MARX, 1965, p. 125). Logo, Marx diz que a própria felicidade deriva da supressão da religião, eliminando as ilusões fantásticas que impedem a revelação da verdadeira realidade, assim, estar contra a religião é estar contra uma realidade determinada. Entende-se por fim que para ele, a religião nada mais é que uma ilusão, que impede o homem de agir sob suas próprias perspectivas da realidade.

Assim, propõe-se uma questão de confusão entre a análise teórica da religião e sua utilização como chave política e em todo caso, cabe a sociologia da religião mostrar em que os diversos mundos religiosos se diferenciam profundamente conforme as pertinências sociais dos indivíduos.

Considerações finais

Deste modo, aqui foi feita uma breve análise e apresentação dos pontos principais presentes no pensamento sobre religião de Karl Marx. A crítica filosófica e política da religião de Karl Marx nos fornece contribuições metodológicas, pois procura constantemente colocar em destaque a interação entre as variadas dimensões sociais, uma referência temática pois ressalta importância aos meios sociais e aos conflitos pertencentes a esse meio e uma referência política com a relevância atribuída aos sistemas de dominação e às legitimações dos poderes.

A respeito das análises da religião de Marx, o filósofo marxista Michèle Bertrand, considera que o mesmo se enganou acreditando que o fim do sentimento religioso seria possível, Bertrand aponta que é muito mais questionável do que apresentou ser por Marx. Assim, o homem cria uma falsa ideia de Deus e passa a acreditar que de fato ele existe. Projeta na maioria das vezes sua própria consciência e cria uma ideologia escravista, que tiraniza o homem em vez de libertá-lo. São exemplos disso os fanatismos e o fundamentalismo.

Portanto, Marx conclui que “sendo a religião o reflexo espiritual da miséria real do homem numa sociedade opressora, a superação da religião não se dará só pela crítica intelectual. A luta contra a religião tem seu lado espiritual. É a imagem falsa do mundo. A crítica do céu torna-se a crítica da terra. Para eliminar a alienação religiosa é preciso eliminar todas as condições de miséria que a originam. ” Se se muda a infraestrutura socioeconômica e política, o homem não precisará nem da religião e nem de Deus.

Referências

MARX, Karl. **Introdução a Crítica da Filosofia do Direito em Hegel**. Laterza, Bari, 1960.

_____, **Crítica da Filosofia do Direito de Hegel**. Introdução”. Edizioni del Gallo, Milão, 1965.

_____, **Opere Complete**. Editori Riuniti, Roma, 1974.

HERVIEU-LÉGER, Danièle; WILLAIME, Jean-Paul. **Sociologia e religião**: abordagens clássicas. Aparecida-SP: Ideias & Letras, 2009.